

Alguns aspectos sobre Oração na Cristologia de Edith Stein

Eduardo Dalabeneta¹

RESUMO

Dentre as diversas facetas da Cristologia desenvolvidas por Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz) em seus escritos, este artigo pretende mostrar alguns aspectos de sua compreensão sobre a oração filial de Jesus de Nazaré como o núcleo onde a oração cristã tem seu eixo e sentido, sua unidade e significado.

PALAVRAS-CHAVE: Edith Stein; Cristologia; oração

ABSTRACT

Among the several facets of Cristology developed by Edith Stein (Saint Teresa Benedita of Cruz) in her writings, this article intends to show some aspects of her understanding about the filial prayer of Jesus of Nazareth as the core in which the Christian prayer has its axis and sense, its unity and meaning.

KEYWORDS: Edith Stein; Christology; prayer

Introdução

Dentre os inúmeros temas teológicos com os quais Edith Stein² se ocupou, a Cristologia alcançou lugar precioso em sua produção científica. As fontes donde se pode extrair mais explicitamente sua compreensão da pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo, são *Natureza, Liberdade e Graça* (obra escrita provavelmente entre 1921-

¹ Mestre em Teologia Sistemática pela PUC/SP (2013), Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana/Taubaté-SP (2010), Bacharel em Filosofia (curso seminarístico) pela Faculdade São Luiz/Brusque-SC (2002).

² Edith Stein nasceu no dia 12 de outubro de 1891, em Breslau, Alemanha, atual Wrocław, Polônia, numa família judia. Ingressa na Universidade de Breslau em 1911 ocupando-se primeiramente com Filosofia, História, Psicologia e Germanística. Defende na Universidade de Freiburg sua tese de Doutorado com o tema *Sobre o problema da Empatia* em 1916. Neste tempo, por vários fatores, converte-se ao Cristianismo (Catolicismo). Trabalhou como professora em Speyer e no Instituto de Pedagogia Científica em Münster. Com a ascensão do Nacional Socialismo e a impossibilidade de continuar lecionando, ingressou no Carmelo de Colônia. Em 1938, fez sua profissão perpétua com o nome de Teresa Benedita da Cruz. Com o avanço das ações contra os judeus, foi transferida para a Holanda. Em dois de agosto de 1942, Edith Stein foi presa dentro do Carmelo de Echt (Holanda) e levada para Auschwitz (atual Polônia), morrendo na câmara de gás em nove de agosto de 1942. Em 1962, na eminência a abertura do Concílio Vaticano II, iniciou-se o processo de beatificação, concretizada com a celebração em primeiro de maio de 1987 pelo papa João Paulo II. Sua canonização deu-se a 11 de outubro de 1998, em Roma. Em 1999 foi declarada co-padroeira da Europa (GARCIA, 1988).

1922, publicada em 1962), *O mistério do Natal* (obra escrita em 1931, publicada em 1935), *A oração da Igreja* (obra escrita em 1936, publicada em 1937), *Ser Finito e Ser Eterno* (obra escrita em 1936, publicada em 1950) e *A Ciência da Cruz* (obra escrita em 1942, publicada em 1950).

Diante dessa ampla produção, os textos originais mostram aos leitores que o método de investigação utilizado por Stein em suas investigações cristológicas é a abordagem fenomenológica³ das fontes bíblicas, fecundada por referências patrísticas (Pseudo Dionísio Areopagita, João Crisóstomo, João Damasceno, Agostinho, Ambrósio entre outros), seguido pelo desenvolvimento do tema a que a teóloga se propôs. Isso exige dos leitores dos textos steinianos disciplina e transversalidade: pelo fato de Stein não ser formada em teologia acadêmica, ela propõe novos itinerários e novas releituras que fazem dos seus leitores aprendizes.

Dentre as diversas facetas cristológicas desenvolvidas pela teóloga, este artigo pretende mostrar alguns elementos para compreender o que Edith Stein entende sobre a relação entre a pessoa de Jesus e a vida de oração (a vida orante de Jesus de Nazaré, sua vivência filial, constitui o núcleo onde a oração cristã tem seu eixo e sentido, sua unidade e significado, sua explicação comunitária e pessoal).

1 Fenomenologia da oração de Jesus de Nazaré, o Cristo

De sua investigação nas fontes bíblicas, Edith intui que a informação de Jesus ser um judeu deve ser considerada em sua máxima importância. Ele é um judeu, portanto, é um homem orante, que vive todas as dimensões de uma vida de

³ O processo histórico de gestação da escola fenomenológica, que Edith integra em 1913, remonta a Edmund Husserl, um matemático e filósofo alemão. As pesquisas de Husserl na Universidade de Göttingen e depois em Freiburg atraíram muitos alunos e outros pesquisadores como Max Scheler, Adolf Reinach, Hedwig Conrad-Martius, Martin Heidegger, etc. Quanto ao método, a Fenomenologia adotou uma terceira modalidade, distanciando-se a dedução e da indução. Tanto o primeiro quanto o segundo baseiam-se nos argumentos e na sua verificação, num conhecimento ativo. Nesses dois casos, segundo a Fenomenologia, a verdade se torna refém dos argumentos, perdendo sua estabilidade e sua dimensão de universalidade. A escola fenomenológica entende que o espírito humano capta a verdade (intui), não a inventa, não a deduz ou a induz (STEIN, 2003a).

oração segundo o entendimento da comunidade judaica: oração pessoal (Mt 4,1-11; Mt 6,5-15; Mc 6,46; Mc 9,2ss), prece familiar (Mt 11,25ss; Mc 14,12-31, Lc 9,10ss) oração e escuta da Palavra na sinagoga (Lc 4,14ss; Lc 13,10ss) e adoração ao Senhor na Tenda da Reunião guardada pelo Templo de Jerusalém (Mc 11,15ss; Lc 19,28). Segundo esses relatos bíblicos, a vida orante de Jesus é clara, equilibrada e vivenciada da Galileia até Jerusalém: um diálogo filial com o Pai alicerçado sobre experiências fraternas.

Para Stein essas experiências orantes relatadas pelos autores dos evangelhos estão unidas numa única corrente de vivências, que é alimentada por um núcleo de sentido. Isso significa que, embora os contextos onde Jesus é apresentado em oração sejam diferentes, o ‘eu orante’ é sempre o mesmo, quer em sua expressão interior ou exterior, pessoal ou comunitária, isso porque, “o ‘eu’ é um ponto móvel dentro do espaço da alma; onde quer que tome posição, ali se acende uma luz de consciência que ilumina entorno [...] Apesar de sua mobilidade, o ‘eu’ está sempre ligado àquele imóvel ponto central da alma na qual se sente em sua própria casa” (STEIN, 2007, p. 1135). O princípio ‘dar graças’ é o elemento integrador de todas as suas vivências. O ‘dar graças’ é a essência da oração, é o seu núcleo de sentido.

Para a carmelita, o fato do ser humano constatar em si uma vida orante faz com que ele erroneamente acredite que ela seja apenas necessidade e manifestação humana. A intuição de Stein contempla outro ângulo: “Ele é a imagem do Deus invisível [...] Tudo foi criado por Ele e para Ele [...] e Nele todas as coisas tem consistência” (Cl 1, 15-17).

Para a teóloga, “a oração é o ato mais sublime de que é capaz o espírito humano” (STEIN, 2004a, p.507) porque ela não é um ato somente humano: “a oração é como a escada de Jacó, pela qual o espírito humano sobe a Deus e a graça de Deus desce aos homens” (STEIN, 2004a, p.507). Edith considera a oração (‘dar graças’) como um vestígio da Trindade no ser humano através do arquétipo Cristo

(Imago Christi). A oração é a consciência/consequência da inabitação de Deus na profundidade do ser humano.

Por isso, Edith Stein defende que a dimensão orante constitui a estrutura ontológica divina e, por consequência, pelo fato do ser humano ser criado a imagem e semelhança da Trindade, também esta dimensão orante faz parte da estrutura ontológica do ser humano.

Isso significa que a vida orante de Jesus é epifania da vida trinitária. Assim, a oração deixa de ocupar a periferia da teologia e passa a ser fonte para uma profunda e séria reflexão trinitária e cristológica.

2 O 'dar graças' como vestígio da *Imago Trinitatis*

Considerando a presença do 'dar graças' na vida humana de Jesus, a teóloga carmelita defende sua existência também em sua vida intradivina. A partir dessa constatação, Stein procura explicar em muitos de seus escritos como o 'dar graças' acontece em Cristo no seio da Trindade. Para Stein, Cristo, o Verbo feito carne, vive no seio da Trindade relações simétricas àquelas que manifesta em sua vida humana, caso contrário existiria uma esquizofrenia no mistério da Trindade.

Considerando suas conclusões trinitárias como ferramentas de acesso ao conceito de oração, enquanto o ser criado é chamado à existência, o Verbo é gerado (conforme afirma o Credo Niceno-Constantinopolitano), recebendo o ser essencial do Pai. Segundo ela, "a geração significa colocar a essência na nova realidade pessoal do Filho, que é, sem dúvida, a posição exterior da realidade originária do Pai" (STEIN, 2007, p.717). Stein constrói aqui uma relação entre ser essencial - Palavra interna eterna - e ser real - Palavra externa eterna (STEIN, 2007, p.716)⁴.

⁴ O limite desse artigo teológico impede que se explique com mais profundidade o que a teóloga compreende por 'ser real' ou 'ser essencial', por se tratarem de temas fundamentais em seu pensamento filosófico. Edith Stein constrói na obra *Ser finito, Ser Eterno* uma ontologia própria, com explicação muito original para muitos conceitos tradicionais de Ontologia/Metafísica. Por isso, é

Com isso, a teóloga indica que o Pai ao gerar o Filho não gera um outro Pai (o que seria um movimento autista ou uma fantasia). Sendo a essência de Deus a relação amorosa, esta acontece na relação entre um 'eu' e um 'tu', onde o 'eu filial' procede do 'eu paterno' e o 'eu espírito' procede da relação do 'eu paterno' e 'eu filial':

a vida divina é tripessoal: é amor transbordante com o qual o Pai gera o Filho e lhe dá sua essência, e com que o Filho recebe essa essência e a devolve ao Pai, e o amor em que o Pai e o Filho são uma coisa só, e que ambos aspiram simultaneamente com seu Espírito, mediante a graça, esse Espírito se derrama nos corações. Dessa maneira resulta que a alma vive sua vida da graça pelo Espírito Santo, ama nele ao Pai, com o amor do Filho, e ao Filho com o amor do Pai (STEIN, 2004b, p. 349).

Assim,

o nome graças ao qual cada pessoa se designa a si mesma enquanto tal é 'eu' [...] Cada 'eu' é algo único e possui algo que não compartilha com nenhum outro ente [...] o incomunicável que constitui parte de cada 'eu' enquanto tal constitui uma particularidade do ser (STEIN, 2007, p. 941),

ou seja, "ser pessoa é possuir a capacidade de sair de si e ao mesmo tempo um ser que permanece em si" (STEIN, 2007, p. 958). Para Edith existe aqui uma reserva de mistério intratrinitário impenetrável à compreensão humana. O Pai conhece tudo no Filho, mas não tem sua vivência filial, percebida por Ele por meio de uma empatia intratrinitária.

Para contribuir com os argumentos acima, Stein oferece uma hermenêutica original sobre o nome que Deus expressa de si mesmo nas Sagradas Escrituras - "Eu sou o que sou" (Ex 3, 14)-, assumido também por Jesus de Nazaré - "Antes que Abraão fosse, Eu Sou" (Jo 8,58):

preciso aprofundar-se nesses saberes steinianos para se atribuir com precisão o sentido quisto pela teóloga e não os elaborados por outros autores, que podem gerar equívocos e incompreensões.

seu 'Eu Sou' é um presente eternamente vivo, sem começo nem fim, sem lacunas, sem obscuridade. Este 'eu vivente' possui em si e por si toda a plenitude; não recebe nada de outra parte: é a fonte donde todas as demais coisas recebem o que possuem [...] Eu Sou significa: eu vivo, eu sei, eu quero, eu amo; tudo isso como uma sucessão ou justaposição de atos temporais [...] O eu divino não é vazio em si, mas sim, o conteúdo em si, abraça e domina toda plenitude (STEIN, 2007, p. 942-943).

Para Stein, o 'Eu Sou' não é um fechamento ou relação egoísta. O 'eu' indica o ser essencial (interioridade) e o 'sou' o ser real (exterioridade). Isso quer dizer que não há divergência em Deus entre o 'eu' e o 'ser', entre aquilo que Ele é em sua interioridade e aquilo que Ele é em sua exterioridade.

Para Edith nessa análise existem duas realidades importantes: a primeira é a abertura dialógica entre a dimensão interior e a dimensão exterior no mistério da Trindade; a segunda é a presença de uma força em trânsito que confere unidade entre essas duas dimensões (interior-exterior), que é o amor, pois "visto que Deus é amor, o ser divino deve ser o ser-uno de uma pluralidade de pessoas e seu nome 'Eu sou' equivale a 'eu me dou inteiramente a ti'" (STEIN, 2007, p. 947). No nome divino, segundo Edith, está expresso o Deus Uno Trino:

o que se entrega reciprocamente é uma única, eterna e infinita essência que abraça perfeitamente a cada uma delas e a todas juntas; O Pai a oferece, desde toda eternidade, ao Filho enquanto o gera, enquanto o Pai e o Filho se dão um ao outro, e o Espírito procede deles, como seu amor recíproco e entrega. Assim, o ser da segunda e da terceira pessoa é um ser recebido, porém não é um ser que seja nascido, como o ser criado: é o ser único de Deus que é dado e recebido, o dar e o receber pertence ao ser divino mesmo (STEIN, 2007, p. 948).

Esse *dar-se fecundo e acolher vivificador*, essencial das relações intratrinitárias, acontece na vida humana e tem o nome de oração: "velando em oração significa o mesmo que Elias expressa com as palavras: estar ante o rosto de Deus. A oração é contemplar o rosto do Eterno" (STEIN, 2004c, p. 560). Por isso, a

oração humana tem como modelo o diálogo intratrinitário revelado por Jesus de Nazaré (Mc 9, 7).

É nesta realidade relacional interior (abertura, diálogo fecundo paterno-filial, dar-se-acolher-responder, doação-acolhida intratrinitária) que Edith ancora o 'dar graças' humano como vestígio trinitário-cristológico, como algo da interioridade do Verbo presente na vida humana, o que o possibilita associar-se e dar prolongamento na história ao 'dar graças' de Cristo: "todo ser finito contém seu arquétipo no 'eu sou divino'" (STEIN, 2007, p.843).

3 O Arquétipo Cristo

As considerações anteriores imediatamente lançam a pergunta: como isso que próprio de Verbo habita em nós seres humanos?

Para responder a esse questionamento precisamos adentrarmos propedeuticamente na problemática antropológica de Edith Stein. O 'eu' humano vive e transita numa estrutura antropológica de corporeidade-psique-espírito. Cada um desses elementos constitui universos próprios com relações distintas. Essas dimensões são independentes e não são geradas umas pelas outras, ou seja, o corpo não gera a psique e a dimensão espiritual não fruto da psique (recorde-se da descrição de Teresa D'Ávila na obra *Castelo Interior*).

Contudo, a unidade humana é garantida pelo 'eu'. Segundo FERMÍN, ao interpretar Edith, o ser humano "não é uma alma que vive em um corpo, mais sim, uma unidade de corpo, alma e espírito" (2005, p. 42). Ele completa afirmando que "essa unidade se manifesta como algo essencial do ser humano" (FERMIN, 2005, p. 42).

Essa singularidade antropológica também constitui Jesus de Nazaré, o Cristo. Mas aqui é preciso cuidado. Não é a humanidade que oferece essa estrutura a Cristo, mas, justamente o contrário, pois é a humanidade que descende dele (STEIN, 2004d, p. 110): "todo ser criado possui o arquétipo do Logos" (STEIN, 2007, p. 853).

Em Jesus de Nazaré, o Cristo, a encarnação não foi um 'eu' divino que passou a viver e transitar numa estrutura antropológica semelhante a uma possessão ou uma migração, o que sugere pensar em adocionismo, arianismo ou monofisismo. Isso quer dizer que a encarnação não pode ser entendida como transferência de um 'eu' de uma estrutura ontológica para outra estrutura ontológica. Se assim fosse, teríamos de afirmar que a encarnação foi uma evolução ou degeneração do *Logos*.

Para confirmar sua intuição, Edith recorre à explicação agostiniana de que a estrutura antropológica humana contém vestígios da Trindade⁵. Com isso, o Verbo não precisa se adaptar à estrutura antropológica da humanidade para estar na história (esse não é o sentido de abaixamento), pois a estrutura ontológica da humanidade foi criada a partir da estrutura ontológica do Verbo (portanto, assimétrica). O Verbo entra na história, porém ele já está misteriosamente na humanidade: "não existe nada que seja originado de Deus que já não esteja prefigurado Nele" (STEIN, 2007, p.945).

Edith desenvolve aqui o paradigma do Arquétipo Cristo, que traduz a ideia do Verbo como Cabeça da Humanidade - "toda a essência específica da humanidade se encontra Nele plenamente realizada" (STEIN, 2007, p.1109). Stein completa o argumento de forma ousada afirmando que "não será demais aventurar-se em dizer que, em certo sentido, a encarnação do primeiro homem deve ser considerada já como o começo da encarnação de Cristo" (STEIN, 2007, p.1108), de forma que "toda a humanidade é humanidade de Cristo" (STEIN, 2007, p.1108): "o arquétipo humano é o *Logos* (ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος)" (STEIN, 2007, p.845).

Partindo dessa constatação, ela intui que os elementos que constituem essencialmente o ser humano, inclusive o 'dar graças', antes de serem humanos,

⁵ Para além da proposta agostiniana dos vestígios da Trindade - entendimento, vontade e memória (com os quais concorda) - na pessoa humana, Stein identifica a presença de um novo elemento ontológico trinitário que é o 'dar graças' (Cf. STEIN, 2007, p. 1036-1045).

assimetricamente, são crísticos. Com isso, a teóloga percebe que a realidade orante na pessoa humana (diálogo filial com o Pai) (olhar/acolher/participar do diálogo filial de Jesus) depreende-se da identidade ontológica do Verbo, conseqüentemente, procede das relações trinitárias.

Da mesma forma que Jesus de Nazaré, o Cristo, não pode *dar-se* ao Pai e *recebê-lo* de outra forma a não ser como filho, o cristão, por causa de sua condição filial herdada do Arquétipo Cristo e celebrada epifanicamente no Batismo, também deve *dar-se* ao Pai e *recebê-lo* da mesma forma, como filho. Por isso, a oração humana necessariamente deverá ser filial em sua origem. Expressões orantes humanas que se distanciam dessa realidade e não provocam relações filiais, quer para com Deus quer nas relações fraternas, são formas degeneradas ou degeneradoras e contradizem sua natureza trinitária-cristológica.

A investigação de Edith penetra aqui no que ela entende ser a essência da vida divina, da vida de Cristo: doação-acolhida. Ao mesmo tempo, penetra na essência do 'dar graças' humano, conseqüentemente, da oração como liturgia e eucaristia:

que seria a oração da Igreja se não fosse ela o dom [dar e receber] daqueles que amam com um grande amor o Deus que é Amor? **O dom total do nosso coração a Deus e o dom que Ele nos faz em troca, a plena e eterna união** [grifo nosso], tal é o estado mais elevado que nos seja acessível, supremo grau de oração. As almas que o atingiram são o coração da Igreja - nelas vive o amor sacerdotal de Jesus (STEIN, 2004d, p. 110).

Da mesma forma que no interior da vida divina o Verbo está aberto a receber, acolher e a responder a inclinação do Pai, essa vivência essencial continua a acontecer na existência histórica de Jesus de Nazaré, o Verbo. As vivências do homem judeu crucificado Jesus de Nazaré são realizações e manifestações dessa inclinação-acolhida-resposta.

Por isso, tudo o que Ele é e tudo o que Ele faz em sua existência histórica é expressão da vida interior da Trindade e está encharcada pelo 'dar graças'. Esse 'dar graças' de Jesus de Nazaré, o Cristo, se mostra possuidor de uma dimensão interior e de uma dimensão exterior, de invisibilidade e visibilidade:

- é interior e invisível porque é transcendental e pessoal;
- é expressão exterior invisível porque é força vital e vivificadora, vida das realidades eucarísticas e expressão simbólica;
- é exterior e visível porque é histórico e revelado.

Para Stein qualquer moção que procede do coração humano em direção ao Pai está unido à inclinação eterna do Verbo. Esse é para ela o sentido da Doxologia da Celebração Eucarística:

todo louvor se dá por, com e em Cristo. *Por ele*, porque somente por Cristo a humanidade pode chegar ao Pai e porque seu ser humano e divino e sua obra redentora são a glorificação mais perfeita ao Pai. *Com Ele*, uma vez que toda oração sincera é fruto da união com Cristo ao mesmo tempo em que fortalece essa união, e porque todo louvor do Filho é glorioso ao Pai, e vice-versa. *N'Ele*, uma vez que a Igreja orante é o próprio Cristo – cada orante é membro do seu corpo místico – e porque no Filho está o Pai, cuja glória manifesta (STEIN, 2004d, p. 108).

A descoberta mais profunda e a vivência mais significativa que a pessoa humana pode experimentar é a tomada de consciência desse mistério revelado, onde a oração amadurece de uma condição arquetípica inconsciente para a consciência plena: a oração sincera.

A oração sincera é aquela na qual a pessoa pergunta-se constantemente: quem eu sou? *Quem és tu que me olhas?* Por isso, toda busca sincera da verdade sobre a vida humana, inclusive aquela fora do ambiente religioso, é um vestígio de oração, é uma manifestação ontológica dessa abertura receptiva que há na profundidade do ser, mesmo que seja inconsciente: “quem busca a verdade busca a Deus, seja consciente ou não disso” (STEIN, 2002, p. 1251).

Possuidor dessa *ousia* arquetípica do Verbo, que se realiza por meio da oração, a pessoa humana também está aberta à inclinação do Pai. Porém, na pessoa humana, diferente de Jesus de Nazaré, o Cristo, pode haver divergência entre aquilo que deve ser e o fato em si mesmo. Sabendo-se ser filho, o ser humano pode não se comportar como tal, conforme mostra a parábola do Pai amoroso e dois filhos, que não vivenciam e nem se comportam como filhos, embora sejam amados incondicionalmente pelo pai (Lc 15, 11-32).

4 Cristãos e comunidades orantes

O último passo proposto por Stein, que não quer apenas fazer uma reflexão sobre a problemática da oração em chave trinitária-cristológica, mas contribuir com a vivência cotidiana das comunidades, é oferecer pistas para uma espiritualidade discipular, onde a vida orante de Jesus de Nazaré, o Cristo, que se mostra à humanidade, possa servir de caminho, itinerário e alimento cotidiano aos cristãos: a oração da comunidade cristã ao se tornar discipular em Jesus Cristo aprende a ser filial ao Pai. Ao ensinar o ser humano a dialogar com Deus (Mt 6, 9-15), Ele ensina o que vive e ajuda o ser humano a escutar o que Ele ouve: “Tu és o meu filho muito amado” (Mc 9, 7).

Uma autêntica vida orante é viver ‘nas mãos’ e ‘das mãos’ de Deus, ou seja, é uma resposta ao ‘Segue-me’ (Mc 1, 17-19) proferido por Jesus (STEIN, 2004e): “ponhamos nossas mãos nas mãos do Menino divino, digamos nosso *sim* ao seu *segue-me*, então seremos seus e o caminho está livre para que sua vida divina passe a nós. Este é o princípio da vida eterna em nós” (STEIN, 2004e, p. 484).

Caminhar com Jesus de Nazaré, que chamava Deus de *Abbá*, e fazer de sua vida a referência para as nossas, é viver a essência do ‘dar graças’, da oração:

não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas um espírito de filhos, que nos permite clamar: *Abba!* Pai! O Espírito

testemunha a nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se compartilhamos sua paixão, compartilharemos sua glória (Rm 8, 15-17).

Edith reconhece que viver a vida de Cristo, seja em sua forma invisível ou visível, deve provocar uma mudança existencial e trará consigo desafios:

se temos tempo para tantas coisas supérfluas, para ler muitos livros, revistas e diários sem muita utilidade, para passarmos horas nos Cafés, quinze minutos ou meia hora de conversas na rua [...] Da satisfação própria de um 'bom católico' que cumpre com suas obrigações, que lê uma boa revista, que faz escolhas certas, porém, que sempre faz aquilo que gosta, há ainda um longo caminho para começar a viver nas mãos de Deus, com a sensibilidade de uma criança e a humildade de um publicano. Sem dúvida, quem começou a andar nesse caminho jamais o abandonará (STEIN, 2004e, p. 488-489).

Para a carmelita, "quem pertence a Cristo deve viver a vida de Cristo em sua totalidade [...] Cristo é Deus e Homem e quem quer compartilhar sua vida tem que participar de sua vida divina e humana" (STEIN, 2004e, p. 487). Para essa mulher de oração fica claro que ser filho de Deus significa

caminhar sempre nas mãos de Deus, fazer sempre a Sua vontade e não a própria, por as nossas esperanças e preocupações nas mãos de Deus [...] O 'faça-se a tua vontade' em toda a sua extensão deve ser o fio condutor de toda a vida cristã. Deve regular o dia, a manhã, a noite, o passar dos anos e, em fim, a vida inteira (STEIN, 2004e, p. 486).

A transformação descrita por Stein consiste em "viver eucaristicamente" (STEIN, 2003b, p. 148-153), que deve ser entendida como "vontade decidida de sair de si mesmo, crescer no amor, empenhar-se no seguimento a Cristo e caminhar na filiação divina" (FERMIN, 2003, p. 37), "sair pessoalmente da estreiteza da própria vida para crescer na imensidão da vida de Cristo" (STEIN, 2004e, p. 489), ou seja, significa

viver Sua vida, especialmente quando nos associamos a Liturgia e aí experimentamos sua vida, paixão e morte, sua ressurreição e ascensão, o início e o desenvolvimento da Igreja. Então seremos elevados da estreiteza de nossa existência à altura do Reino de Deus: seus assuntos serão nossos assuntos e cada vez mais estaremos unidos como o Senhor e no Senhor com todos os seus. Toda solidão desaparece e estamos incontestavelmente acolhidos na tenda do Rei, caminhando em sua Luz (STEIN, 2003b, p. 152).

‘Comer o Pão’ e ‘beber o Vinho’ em comunidade não é mera transmissão intelectual, teórica ou retórica, mas é vida, comportamento, escolhas, olhares que se passam e se transferem. Ao mesmo tempo, “a vida eucarística se converte no centro de toda sua vida” (STEIN, 2003a, p. 748).

Contudo, quem pensa que Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, esteja sendo demasiada idealista ou original em suas reflexões em Cristologia e sobre oração está enganado. Ela simplesmente estudou, compreendeu e decidiu viver com auxílio da Graça aquilo que é ensinado a todos os cristãos cotidianamente por meio das preces nas celebrações litúrgicas:

Ó Deus, que admiravelmente criastes o ser humano e mais admiravelmente restabeleceste a sua dignidade, dai-nos participar da divindade de vosso Filho, que se dignou assumir nossa humanidade (MISSAL ROMANO, 1992, p.154);

Ó Deus, cujo Filho Unigênito se manifestou na realidade de nossa carne, concedei que, reconhecendo sua humanidade semelhante a nossa, sejamos interiormente transformados por Ele (MISSAL ROMANO, 1992, p.165);

Pai, vós nos amais tanto que nos deste vosso Filho Jesus para que ele nos leve até vós. Vós nos amais tanto que nos reunis em vosso Filho Jesus, como filhos e filhas da mesma família. (MISSAL ROMANO, 1992, p.1031);

Nutridos pelo vosso Sacramento, dai-nos, ó Pai, a graça de ouvir fielmente o vosso Filho amado, para que, chamados de filhos, nós o sejamos de fato (MISSAL ROMANO, 1992, p.167).

Considerações finais

No panorama da teologia atual a contribuição de Edith Stein ainda é pouco significativa porque são poucos os teólogos e as teólogas que assumem com coragem o compromisso de mergulhar em seus escritos tão exigentes. Sua abordagem original da tradição filosófica e teológica exige mudanças, rompimentos e acolhida de novas chaves de leitura e interpretação. Mas quem deseja compor uma cristologia contemporânea precisa assumir tal desafio.

Ela é a mulher da harmonia e da busca da Verdade. Por isso, ler, estudar e comprometer-se com o pensamento e com as escolhas de Edith Stein possibilita experimentar uma brisa e pode provocar mudanças nas opções atuais que privilegiam o relativismo, a indiferença e caminhos desumanos e insustentáveis.

Por conjugar elementos de matrizes diferentes, Edith sugere alguns aprofundamentos:

- a cristologia não poder cair no círculo vicioso de ser puramente 'histórica' nem ser puramente 'gloriosa', mas deve olhar para Jesus de Nazaré, o Cristo, não o que achamos ser Ele, mas quem Ele realmente é, para o que epifanicamente Ele revela;

- a vida orante da pessoa humana é imagem das relações trinitárias, do *dar-se* e *receber* divino. Por isso, a vida de oração coloca a pessoa humana diante de Deus e das demais pessoas, daquilo que é mais estrutural na sua constituição, e não diante de um conjunto de práticas e estruturas frias e rígidas, despersonalizadas ou massificantes.

Com esta modesta exposição, pode-se concluir, ainda que propedeuticamente, que Edith Stein propõe que a vida orante na comunidade cristã, a humanidade remida (STEIN, 1999), é a vivência da oração de Cristo (STEIN, 2004e, p. 109). Assim, a oração filial de Jesus de Nazaré, o Cristo, constitui o núcleo onde a oração cristã tem seu eixo e sentido, sua unidade e significado, sua explicação comunitária e pessoal.

Referências

FERMIN, Javier Sancho (dir.). Introducción general – Edith Stein, formadora integral de la persona. In STEIN, Edith. **Obras completas IV – escritos antropológicos y pedagógicos**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2003.

FERMIN, Javier Sancho (dir.). Introducción General. In STEIN, Edith. **Obras completas III – escritos filosóficos (etapa de pensamiento Cristiano)**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2005.

GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. São Paulo: Loyola, 1988.

Batismo do Senhor – oração depois da comunhão. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992.

MISSAL ROMANO. **Batismo do Senhor – oração do dia**. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992.

MISSAL ROMANO. **Natal do Senhor – oração do dia da Missa do Dia**. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992.

MISSAL ROMANO. **Prefácio da Missa com crianças II**. São Paulo; Petrópolis: Paulinas; Vozes, 1992, p.1031.

STEIN, Edith. **A mulher – sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru: EDUSC, 1999.

STEIN, Edith. Carta a Adelgundis Jaegerschimid. In **Obras completas I – escritos autobiográficos y cartas**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2002, p. 1251.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In **Obras completas IV – escritos antropológicos y pedagógicos**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2003a.

STEIN, Edith. Educación eucarística. In **Obras completas IV – escritos antropológicos y pedagógicos**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2003b.

STEIN, Edith. Amor con amor – vida y obra de santa Teresa de Jesús. In **Obras completas V – escritos espirituales**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2004a.

STEIN, Edith. Ciencia de la Cruz. In **Obras completas V – escritos espirituales**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2004b.

STEIN, Edith. Sobre la historia y el espíritu del Carmelo. In **Obras completas V – escritos espirituales**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2004c.

STEIN, Edith. La oración de la Iglesia. In **Obras completas V – escritos espirituales**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2004d.

STEIN, Edith. El misterio de la Navidad. In **Obras completas V – escritos espirituales**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2004e.

STEIN, Edith. Ser Finito y Ser Eterno – Ensayo de una ascensión al sentido del Ser. In **Obras completas III – escritos filosóficos (etapa de pensamiento Cristiano)**. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2007.

Artigo recebido em 17.08.2014.

Artigo aprovado em 14.01.2015.